



Artistic Residencies Forum Dança

Forum Dança opened the Núcleo studium doors to artists with works in process during a August month residency. The selected artists were: Eve Zandi ; Emilie Phillibot, Sol Veig; Mafalda Jacinto; Pablo Alvez; Vitoria Grilo, Helena Dawin, Andrew Nimmo, João Moreira, João Lopes Pereira.

Bios and Projects:

Eve Zandi is a French dance artist trained in Ballet and Contemporary dance in Paris. She spent a year at the National School of Kathak in New Delhi, India, where she studied Indian music and Kathak dance. While working as a performer with numerous dance companies, she also develops her own work of research around music and representation.

She works extensively with photography, which she uses as a performative tool.

Her latest work that Forum Dança residency helped developing focuses on musical Etudes applied to movement research . The first one *1/Offbeat* draws its reflexion from the political representation of genders via the topic of manspreading.

She also currently cooperates with Parkour Runner Joseph Zandi on a research about movement forms.

MAFALDA MIRANDA JACINTO (Lisbon, 1989) is a theatre maker, performer and producer. As a visually oriented creator, she uses moving images to explore colourful and absurd *tableaux vivants*. In 2016, Mafalda finished her MA program in Performance Making, at Goldsmiths University (London), and in 2018 the 1st edition of PACAP – Advanced programme on performance arts creation (Forum Dança). Mafalda was one of the 13 artists selected for Transeuropa Fluid 2018. She is member of the artistic collective Rabbit Hole, based in Lisbon, since December 2013. Her works and collaborations have already been presented in Portugal, Italy, United Kingdom, and Germany. (mafaldamj.wordpress.com)

Pablo Alvez

London-born installation and performance artist, based in Brussels and Lisbon. Phd in poverty economics (Universidade de Évora) and currently taking a Phd in Arts and Sciences of Art (Université Catholique de Louvain, Académie Royale des Beaux Arts de Bruxelles), his research has been dedicated to exploring how ethics can empower aesthetics – or how ethics can enlarge possibilities in art – rather than seeing a power/domination relation between those two. Awarded researcher by the Gulbenkian Foundation. He has shown his artistic work in Micadanses (Paris), Danscentrmjette, Beursschouwburg, CG de Maalbeek, Sign6, The New Space, Brass, Poppositions Art Fair, DAM Gallery, POP UP Gallery and La Chasse 666 (Brussels), Alkantara (Lisbon), and Centre de la Marionette de la FWB (Tournai), among others. Festivals he participated in include Pile au FRASQ (Micadanses & Le Générateur, Paris), Unlike Very Performing Conditions (Sign6, Brussels) and Stage Flavour (Artist Commons, Brussels).

“radical passivity”

This residence will be dedicated to exploring forms of “enacting” radical passivity. The performative experiments (rather than experiences) will be informed by dance as we shall test strategies for movement or non-movement (or for something else not fitting those two) which might better embody such a mode of passivity. We shall also test forms of non-productivity, or even of counter-productivity, hence questioning the meaning usually attached to “performance”. The starting point is in any case a troublesome one, as radical passivity should not, by definition, be an attitude you actually choose to assume. We plan to proceed phenomenologically to the extent that this might make sense or be consistent with our broader quest. We would like to explore the non-spectacular and to procure a certain poverty of means, but we’d also like to remain available to welcoming the visually uninteresting and even the ridicule, if they happen to crop up.

Solveig is an emerging performance artist, born in Canada, raised in France and England, now living in Portugal. She studied illustration in London, developing two puppetry performances: 'Dialogue between a neoliberal and an anti-capitalist' and 'Dance against the concrete', which were presented in exhibition and debate settings in London and Montreal. During the last 10 months she has studied contemporary dance (something she had wanted to do for a long time) in the residency like course run by ESMAE and the Municipal Theatre of Porto. She has had masterclasses with Mathilde Monier, Raimund Hoghe and Ola Maciejewska among others. In this same time she worked as choreographer/interpret in the public-space performance “Variações de EL” directed by Company Circolando. And she produced her own first dance piece Cascas de memória: N°1, which was presented in Rivoli Theatre. She plans to continue making dance work.

Cascas de memória: N°2

N°2 is the second in the family of danced pieces “Cascas de Memória”, a collection which explores the places where memory can be kept so as not to be forgotten. Hence the name, which translates to memory shells, as in egg shells that hold and protect the yolk.

N°2 contains a body that inhabits and works within a cloth-skin. Here, memories are interpreted as foreign, separate physical entities from our own skin, flesh and bone, entering, inhabiting and changing us, similar in a way to the Christian soul. But different in that the memories do not escape to Heaven but remain on earth after death, accumulating, travelling from person to person, down through time and generations.

During the residency the relationship between the two bodies (cloth and human) and the transformation of written memories (from family letters) into figures of dance will be explored, producing a database of movements, to be used in the choreography of the piece.

Vitória é performer e bailarina. Nasceu em Chaves. Inicia-se no ballet aos 5 anos e aos 9 torna-se atleta de competição de ginástica rítmica desportiva. É licenciada em Comunicação Social e Cultural pela Universidade Católica e mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação pelo ISCTE. Colaborou na pesquisa e escrita de argumento do filme “Do Outro Lado da Ressurreição” de Joaquim Sapinho, na produtora Rosa Filmes. Em 2011 fez parte integrante do projecto da coreógrafa Lia Rodrigues Escola Livre Dança das Maré, pertencente à organização Redes de Desenvolvimento da Maré (Rio de Janeiro). Frequentou o curso de Dança da Comunidade no Fórum Dança, através do qual fez parte da peça “Lisbu” de Madaleno Victorino no Festival Materiais Diversos. Ainda no Fórum Dança, formou-se pelo Programa de Estudo e Pesquisa em Criação Coreográfica (PEPCC), e prosseguiu para o PEPCC-C, o mesmo programa direccionado para a criação em colectivo. Frequentou em quatro edições do Programa de Estudo em Dança na EIRA, orientado por Francisco Camacho, onde desenvolve um trabalho a solo “Meteorologia- tempo para matar”. Ao longo destas formações, cruzou-se e trabalhou com artistas como João Fiadeiro, Vera Mantero, La Ribot, João Tabarra, Clara Andermatt, Vítor e Sofia Dias, Sónia Baptista, Mark Thompkins, Marlene Monteiro Freitas, Paula Caspão, André Teodósio, Loic Touzé, Vânia Rovisco, entre outros. Enquanto criadora e intérprete, desenvolveu o dueto “Rastilho”, o trio “Now-Here-Land (que apresentou no festival MUX), a peça “O que Fica?” e o solo “GPS”. Foi ainda uma das intérpretes da “PEPCCÇA” do coreógrafo Miguel Pereira. Em 2017 trabalhou na peça de Miguel Pereira “Peça Feliz”, no Teatro Maria Matos. Actualmente é professora de dança criativa e de Expressão Plástica no Colégio São Francisco Xavier.

João Lopes Pereira nasceu em 1994, em Lisboa. Aos 6 anos começa os seus estudos musicais no Conservatório Metropolitano de Música de Lisboa e mais tarde no Conservatório Nacional de Música. Em 2008 entra para a Escola de Jazz Luiz Villas Boas do Hot Clube de Portugal. Depois licencia-se pela Escola Superior de Música de Lisboa e pelo Conservatoire National Supérieur de Musique et de Danse de Paris. Ganhou o Prémio Melhor Instrumentista da Festa do Jazz do São Luiz e o Prémio Jovens Músicos na categoria de combo. Actualmente é um músico activo, tocando um pouco por todo o mundo. Trabalhou com artistas como Jacob Sacks, Mário Laginha, Jose Carra, Albert Sanz, Jorge Rossy, Jeffery Davis, Chris Cheek, John Ellis, Pedro Moreira, Enrique Oliver, Perico Sambeat, Ricardo Toscano, Ernesto Aurignac, Maria João, Sara Serpa, André Fernandes, André Matos, Bruno Santos, Jaume Llobart, André Santos, Peter Bernstein, Demian Cabaud, Masa Kamaguchi, Nelson Cascais, Bernardo Moreira, João Hasselberg,

Dee Jay Foster, João Moreira, Gonçalo Marques, Félix Rossy, Vinnie Sperazza, entre outros. Tem colaborado também com produções de cinema e teatro, trabalhando com artistas como Filipe Melo, Mário Laginha, Tonan Quito, Romeu Runa, Gonçalo Marques and Miguel Moreira.

Helena Dawin trabalha na dança e também na área das Letras, da Tradução e do Ensino. Estudou Literatura, Psicologia e Estudos Latino-Americanos em Berlim, depois trabalhou em Bordéus como bolseira no Intercâmbio Cultural no Goethe-Institut e na Université Bordeaux III. Entrou na dança profissional em 2012 na Tanzfabrik em Berlim – e em 2013, veio para Lisboa como aluna do PEPCC. Em 2014 mostrou o seu solo Já não – Not anymore no Teatro Meridional Lisboa e no Forum Dança. De 2014 a 2017 coordenou o projeto intercultural para jovens Alemão a caminho no Goethe-Institut em Lisboa. Em 2015, com o apoio da Fundação Gulbenkian, participou como bolseira de danceweb no Festival Impulstanz, Vienna. Continua a pesquisa coreográfica independente em vários projetos, tentando de quebrar barreiras entre as ciências académicas e a dança. Em 2017 e 2018 participou no PEPCC-Coletivo e também no Projeto do Estudo em Dança com Francisco Camacho e em novembro 2017, entrou na Peça Feliz de Miguel Pereira. Helena Dawin dá aulas e workshops em Lisboa, entre outros um projeto de Língua e Dança em cooperação com o Goethe-Institut.

Estudou e trabalhou entre outros com Stella Zannou, Miguel Pereira, Jennifer Lacey, Gustavo Ciríaco, Peter Jasko, Francisco Camacho, Lia Rodrigues, Jeremy Nelson, Jonathan Burrows, Jassem Hindi, Sofia Dias, Vítor Hugo Pontes, Shai Faran, Britta Pudelko, Vera Mantero, Mark Tompkins.

Andrew Nimmo nasceu em Londres (1983) e toca música desde os 7 anos. Começando com clarinete e piano, mudou ao saxofone alto no colégio. De 2004 a 2005 estudou cursos de solfejo, musicologia, harmonia e saxofone com Orlando Sánchez no CenCEA na Habana. Desde então, tocou com vários grupos de música improvisada, resultando em tours por Holanda e o Reino Unido. De 2010 a 2016, tocou com o grupo de hip hop e jazz The Doggett Brothers, incluindo performances no Jazz FM, The Jazz Café, Pizza Express em Londres e um disco publicado por Ashworth Records. Em 2017, participou no workshop de coreografia e composição Crossing the Stage and Other Scores na Suíça, liderado pelo compositor britânico Matteo Fargion

João Moreira nasceu em Lisboa em 1970 e toca trompete desde os 10 anos de idade. Estudou em Nova Iorque, na New School for Social Research, onde trabalhou como “Teaching Assistant” nas disciplinas de Análise Rítmica e Formação Auditiva.

Iniciou a sua actividade de docente em 1989, dando aulas de Trompete, Teoria, Formação Auditiva e Música de Conjunto na escola de jazz do Hot Clube de Portugal. Foi coordenador pedagógico da escola do Hot Clube, assim como do curso de jazz. É actualmente Professor na Escola Superior de Música de Lisboa, leccionando Teoria, Análise, Formação Auditiva, Música de Conjunto, Prática de Piano e Trompete, e onde acumula a coordenação da Variante Jazz da Licenciatura com a da área de especialização Jazz do Mestrado em Música. Foi também Sub-Director da ESML.

Project:

"Partindo de referências como a "Encomenda do Silêncio" do escritor Alberto Pimenta, a "Teoria da Cores" do escritor Herberto Helder e algum trabalho do músico Bernardo Sasseti, pensou-se em atribuir espacialmente pequenas bolhas (podendo ser pequenos universos individuais) que circunscrevem momentos de acção e pensamento de uma figura criada a partir de experiências identitárias entre movimento e som e juntá-las no mesmo território. A ferramenta de exploração transversal às bolhas é o som e suas múltiplas formas de o (re) produzir. Ele constrói-se à medida que mais camadas de ficção e realidade destas figuras se vão friccionando umas nas outras, numa tentativa de se encontrarem no espaço entre. Aí, entre desfasamentos e cruzamentos, se procura aquilo de que se foge: o silêncio.

Goncalo M Tavares sugeriu pensarmos se é possível conceber movimentos de ficção, gestos ficcionais, gestos não-reais. Entre músicos e performers, perguntamo-nos também se pode o corpo e som fazerem algo não-real."

3 objetivos que queremos atingir:

- Compôr uma banda sonora a partir de sons e movimentos na construção de imaginários integrados em situações reais;
- Transformar o estúdio num lugar de experimentação onde se pretendem encontrar afinidades, disrupções, cruzamentos e ligações entre o som, música, movimento, dança.
- Descontextualizar situações de relações e lógicas humanas e desassociar alguns nomes das coisas, tendo os músicos e performers como matéria para o fazer.

3 problemas de ordem artístico, estético, ético que não queremos incorrer:

- Estar submisso aos condicionalismos por ordem da normatividade ou do que pode ser esperado do artista quando partilha o seu trabalho; •
- Não procrastinar em torno de uma ideia ou um método que acaba por se revelar inflexível;
- Desrespeitar as naturezas do som de um instrumento (que por si só já é uma figura presente) e do performer, impedindo a presença genuína e aberta de um ou outro.

Emilie Philippot

Durante os seus estudos na escola das Belas Artes em Nantes, Emilie deriva rapidamente na video-dança. Uma passagem influente pelos ensinamentos tradicionais: Aikido, Qi Gong, Yoga Ashtanga que foi o ponto de partida da investigação do movimento. Participou em diversos workshops com Bernardo Montet, Emmanuelle Huynh, Noé Soulier, Kubilai Khan Investigations. Se forma no Forum Dança em estudos performativos com Vitor Roriz e Sofia Diaz, Loic Touzé, Vera Mantero, Miguel Pereira, Marlène Monteiro Freitas, Clara Andermatt. Continua o seu próprio caminho artístico em paralelo de ser intérprete entre Paris e Lisboa. Está a desenvolver a sua prática e pesquisa através de um solo e está em criação de outra peça com 3 pessoas.

VINCERE

Considerando a arena como lugar social, se trata de perceber o que seria o espaço entre o homem e o animal, este meio, o entre dois que sempre se desloca : o intervalo do duelo. Ver o espaço como um eco. Como deixar-se guiar com um jogo baseado no medo e as derivas ? O que é a "dignidade do medo"? Tentar olhá-la como princípio de sobrevivência e jogar com ela.

As figuras, oferecem um espaço a metamorfose e ao sonambulismo para fazer aparecer uma dança, pelo ausente, uma velha fantasma que é a dualidade.

O Forum Dança é uma estrutura artística financiada por:

